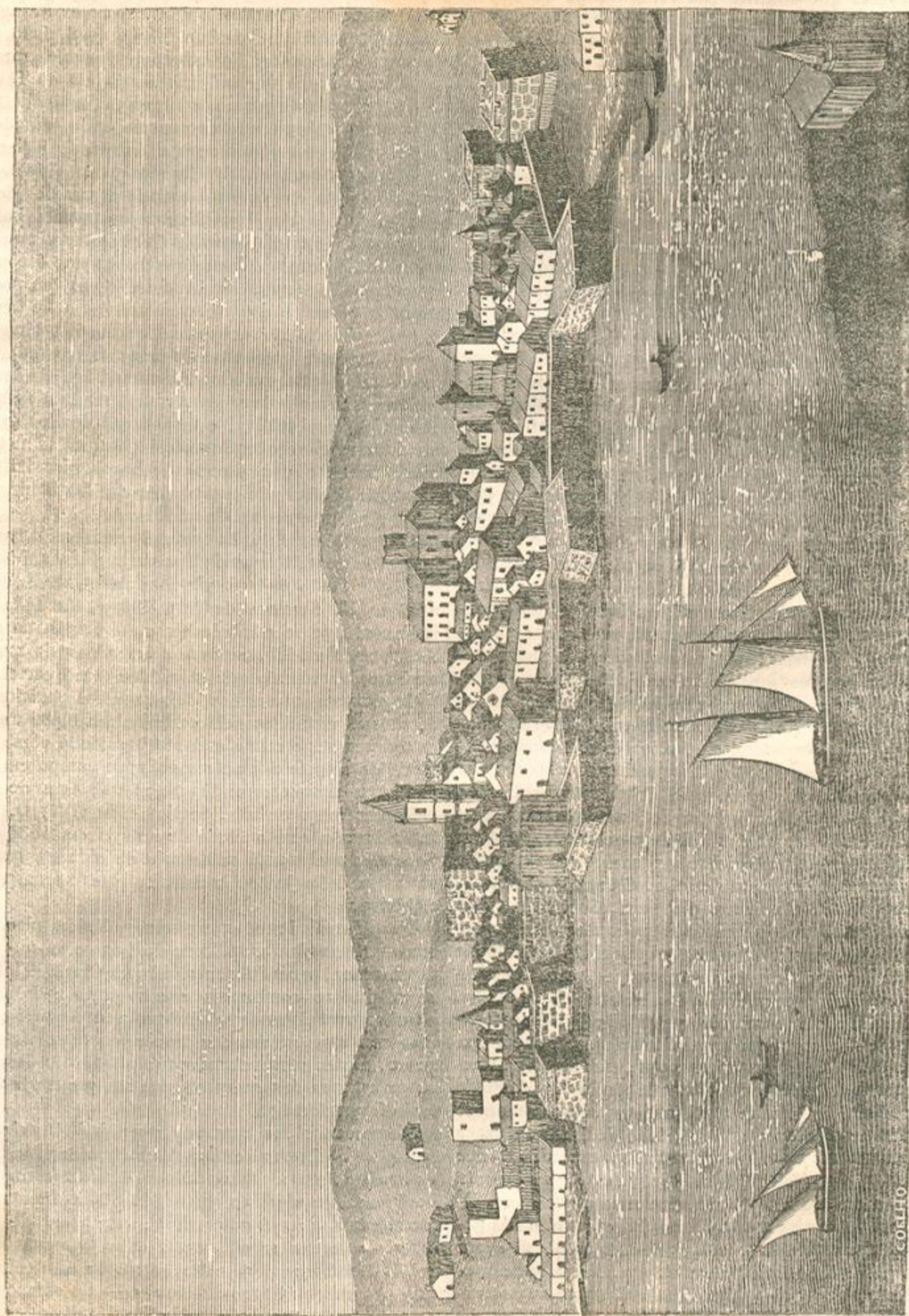




CIDADE DE LAGOS.

PORTUGAL.

XIV.

LAGOS.

PRESCINDINDO das antiguidades carthaginezas e romanas de *Lacobriga*, que tivera a primeira fundação a um quarto de legua do assento da moderna Lagos, trataremos do estado actual desta importante cidade do reino do Algarve. (*)

(*) A gravura é copiada da collecção de desenhos, ou
NOVEMBRO 5 — 1842.

Lagos está situada em $37^{\circ} 71', 7$ de latitude, na costa occidental da famosa bahia do seu nome, sobre tres collinas, á margem direita do pequeno rio e braço de mar que banha suas antigas muralhas, formado pela maré que entra pela barra; o qual se mette pela terra dentro obra de meia legua, e dando vau na vasante [logo ao sahir da cidade para o nordeste] na preamar as maiores em-
album, que mencionámos a pag. 210, tratando de Silves; as noticias extrahimos da recente Corographia do Algarve.
2.^a SERIE — VOL. I.

barcações que admitte são cahiques da lotação de 750 quintaes, quando muito, e que demandem só dez a onze palmos d'agua, em rasão de achar-se muito entulhado sobretudo na barra: esta é entre grandes cachopos com bancos d'arcia lateraes, junto á fortaleza da Ponta da Bandeira, que serve de registo e com o forte da Meia-Praia mal protege a espaçosa bahia, que poderão defender quando guarnecidas e bem artilhadas. Nesta costa tem o mar engolido algumas braças de terra, principalmente para o occidente daquella fortificação, por maneira que destruiu muitos armazens da ribeira; a antiga fortaleza do Pinhão está hoje ilhada, e passam grandes lanchas entre ella e a nova que igualmente jaz em abandono e ruínas.

Não é sabida a data fixa da primeira cerca de Lagos; consta de uma carta de D. Affonso 4.^o, de 1332, que ainda então estavam por concluir os muros: vinham elles desde a igreja de St.^a Maria até a cadeia, onde findava a povoação. — Atribue-se a construcção da nova cerca a Fernão Telles de Menezes, o primeiro governador do Algarve depois dos fronteiros, porem ha quem lhes assigne muito posterior fundação: consta d'altas muralhas em que ha nove baluartes imperfeitos para o rio, com quatro portas denominadas de S. Gonçalo, do Caes, de S. Roque, e Nova; da parte da terra conta outras tantas, a saber, de Portugal, do Postigo, de Quartos, e da Villa. — As praças são quatro; algumas das ruas são boas, porem mal calçadas; comprehendem poucos edificios notaveis, porque os melhores foram arrasados pelo fatal terremoto do seculo passado. Nesta catastrophe veio a terra, causando graude mortandade, a igreja matriz de Santa Maria, uma das duas freguezias da cidade; era situada em uma eminencia da parte meridional; começou-se a sua reedificação, mas parando n'altura de meias paredes destinou-se o recinto para cemiterio, e transferiu-se a parochia para a igreja da irmandade da misericordia. O templo da segunda freguezia, da invocação de S. Sebastião, está n'outro alto na extremidade ao norte; é espaçoso tendo do cruzeiro á porta principal 120 palmos e 75 de largura, consta de tres naves, com 7 capellas e altares, mas destituido de ornatos e belleza.

Desabou muita casaria em 1755; igual sorte tiveram: — o convento das freiras de que só ficou em pé a igreja com muitos estragos, que depois se reparou; o convento da Trindade, que fôra fundado em 1599, e ficou de todo raso para nunca mais se levantar: o convento de S. João de Deus na praça chamada dos touros e hoje da Misericordia, onde estava o hospital militar: junto deste os paços do concelho e a torre do relógio; nunca foram reedificados — assim como o não foi o castello ou palacio dos capitães generaes do Algarve, que por isso passaram a residir em Tavira. Nessa memoranda calamidade elevou-se o mar á altura das muralhas [cinco braças] levando adiante as porções em que embateu e alagando a terra por espaço de mais de meia legua, até onde arrojou barcos; inundou fazendas, derribou edificios, e causou outros danos, afóra muitas vidas, que pereceram nos variados accidentes deste flagello terrivel. A fortaleza velha do Pinhão ficou inteiramente arruinada. — Abrangia então a cidade 900 fogos e tres mil pessoas de communhão: levou muito tempo a recobrar-se de tamanhas perdas. — Segundo o censo de 1837, tinham as duas freguezias dois mil fogos com 8:277 habitantes, incluindo os dos logares fóra da

cidade até onde se dilata a jurisdição parochial. — O concelho, alem destas duas, só hoje abrange as freguezias de N.^a S.^a da Luz, Barão de S. João, Benesafrim e Odiaxere. Foi cabeça de comarca, quando o Algarve se dividia em duas, esta e a de Tavira.

Do sitio do Paúl vem a Lagos um aqueducto de alvenaria; as aguas se encanaram em o reinado de D. Manuel, á custa da gente da terra, e percorrem uma extensão de 410 braças: esta obra facilitou commoda e excellente aguada aos navios de todas as nações que vem demandar aquella bahia, chegam as pipas nas lanchas a encostar á muralha junto da Porta-nova, onde corre perenne e copiosa uma bica d'agua que enche o vasilhame em poucos minutos. Pena é que o aqueducto se ache tão arruinado que ha no verão occasiões de não chegar a agua á cidade extravasando-se pelas roturas; mal que requer ser completamente remediado em beneficio da cidade: pela mesma rasão, sendo a agua na sua origem cristallina, e de boa qualidade, se turva e faz ruim recebendo materias estranhas no transito, de sorte que o povo de Lagos que della se provê no chafariz da praça, em que ha 8 bicas de bronze, vem a recebê-la adulterada.

O aquartelamento da tropa é onde era o trem e igreja de Santa Barbara; é capella militar a bonita igreja de Santo Antonio; a mui antiga de S. Braz, e a de N. Senhora de Porto-Salvo, fundada por italianos, que se estabeleceram em Lagos, no meado do seculo 16.^o, servem d'armazens da arrecadação do regimento que na cidade tem quartel.

Lagos tem por armas dois castellos pegados um ao outro, divididos pela parte debaixo por um arco ou porta, e sobre esta outro castello como servindo de remate aos outros dois; o campo em baixo figura mar com ondas alteradas; tem de cada lado uma lança ao alto. Sendo ainda villa, D. João 3.^o a honrou com o titulo de *notavel* em 1535; D. Sebastião a elevou á cathegoria de cidade, quando na bahia della juntou a armada que o transportou a Africa.

Nos descobrimentos e guerras d'alem mar tiveram parte muitos moradores de Lagos, entre outros Gil Eannes, que dobrou o cabo de Nam. Tinham-se affeito ao commercio e navegação pelo tracto com os venezianos que vinham a este porto negociar com suas galeras, e levavam os productos da pesca, nestes mares abundante; assim como levavam os da cultura dos campos, que sempre neste territorio foram ferteis.

As pescarias são o grande ramo de industria desta costa do Algarve, e mais lucrativas seriam, se se generalisassem mais as salgas e as fizessem mais perfeitas. Orça pelo numero de 400 maritimos os matriculados no Compromisso, que alem de treze artes de pescar se empregam em oito rascas e dezeseis lanchas; afóra estes barcos ha oito cahiques que andam em viagens costeiras. — Os campos circumvisinhos da cidade estão bem cultivados, repartidos em fazendas de vinhas, figueiracs, e seáras: abundam em hortaliças e fructas saborosas: os cereaes e legumes sobejam do gasto da terra, pelo que se exportam, o que não acontece aos vinhos em rasão de seu máu fabrico. O figo é um dos principaes productos do terreno, carrega-se muito para fóra, e outra grande quantidade se distilla para aguardente, não contando a muita porção que os habitantes consomem. — Pelos recursos que o mar e a cultura offerece, a população de Lagos pôde dizer-se abastada.

TRAJO NACIONAL.

Na Allemanha de ha muito que grande numero de senhores se occupam em um plano de reforma no seu trajo, procurando vulgarisar um que reuna a qualidade de ser nacional. Suas intenções são banir dos seus quartos de vestir e tocar todos os tecidos estrangeiros. As senhoras reformando os seus toucadores, cortando pelos seus gostos, caprichos, phantasias, e abnegando sobre o altar do *nacionalismo* até os seus verdadeiros interesses! Que maravilha nos reservava o seculo decimo-nono!

Quanto dêramos por ver um congresso feminino occupado tambem em estender a reforma até ao uniforme varonil! Nós em nome de todos os do nosso sexo, podemos assegura-las, que devem contar com a nossa obediencia, não só por dever, mas até por gosto, e devoção. Quem não trajaría a bel prazer do sexo delicado e formoso? Ah se houvesse homem de tão máu gosto, que fugisse á disciplina do traje votado pelo areopago feminino, merecia ser coberto de pelles de cabra como os tartaros. Mas nós pensámos que homem tão rude não seria facil de encontrar; e quando houve uma rainha que alcançou do divino Hercules, que este para si tomasse as tarefas feminis, não seria muito o conseguir dos homens o trajar, segundo o gosto e mandato das senhoras. Porem esse não é o argumento; as senhoras allemaãs fazem uma pragmatica para as senhoras, e perdoem-nos ellas este desabafo de sinceridade] muito arreceámos que seja por ellas tão mal obedecida, como o foi dos portuguezes a que fez para elles elrei D. João 5.^o

Como poderão as senhoras [que naturalmente muito se comprazem na variedade] soffrer a perpetua monotonia d'um uniforme? Como renunciar aos capricho do luxo? Como sacrificar os mais lisongeiros interesses do seu coração? Nem todas as côres, nem todos os trajos convem a todas as senhoras; a côr de sua pelle, o talhe de sua figura, a sua disposição de saúde, e até as diversas horas do dia, pedem que as senhoras se arranjem e accomodem com varias modas e vestuario; dahi depende o adquirir muitas allianças, ganhar muitas batalhas, e merecer muitos triumphos, que é este o mais grato empenho do seu coração. Todas estas vantagens são perdidas para ellas, quando renunciem á livre variedade, e se sujeitem a uma pragmatica.

Todos conhecemos quanto no nosso Portugal seja commodo e facil o arranjar-se uma senhora com um vestido decente e simples, pois ha sobradas fazendas e drogas baratas que nesse uso se empreguem, mas será porventura facil trazer o sexo feminino a similhante accordo? Muito o duvidámos. O progresso do luxo neste ponto mostra que a nossa terra não é a Allemanha, e em breve veremos que as minas do Potozi não chegam para satisfazer esse capricho desregrado. As custosas sêdas, os veludos, as cascas, as rendas, os *blondes*, os filós, as plumas, as perolas, os diamantes, que se fazem mister para uma senhora sahir a publico só por um dia, absorvem capitaes, que poderiam matar a fome a muitas familias desgraçadas. Daqui toma origem a pobreza da nação, que vê passar ás mãos d'estrangeiros todas as suas riquezas, em preço de luzentes bagatellas, que recebe delles. Daqui tambem nasce a miseria dos nossos artistas e fabricantes, que ociosos não tem em que se empreguem, pois os seus naturaes são vestidos e enfeitados pelos estrangeiros. Daqui finalmente vem bom numero de

crimes filhos do ocio e do luxo desenfreado, como assassinios, roubos, adulterios, prostituições e prejurios.

Tudo isto por desgraça se dá no grande theatro do nosso mundo, aonde, ao lado da miseria publica, se vê brilhar escandaloso o mais desenfreado luxo. É certo que esta epidemia, que lavra em os nossos costumes, só poderia estancar-se com remedios que cortassem o mal pela raiz, reformando os costumes, fins que nunca se poderão alcançar por via de pragmaticas.

Um trajo nacional é sempre mais ou menos analogo aos costumes, constituição do governo, religião dominante, e ao clima. Pelo commum indica um character nacional [aonde este trajo se não confunde com o de outras nações] portanto, quando se vejam duas nações que não são vizinhas, que não tem origem commum, e todavia usam o mesmo gosto e moda de trajar, póde dizer-se logo, que a servil imitadora da outra ha perdido o seu character, pois que affecta uma ridicula imitação.

Tanto é verdade serem os trajos nacionaes nascidos d'alguma daquellas causas, que nós o poderemos verificar pelos padrões dos trajos de todos os povos. Os gregos, que tinham costumes os mais polidos de toda a antiguidade; nascidos com uma imaginação sensível e delicada; com uma religião que lhes ministrava imagens de todos os portentos da natureza; enfim habitando n'um clima temperado e dóce, usaram o trajo mais elegante que até agora se tem inventado; e ainda esse sobresahia mais, ajudados pelas formas elegantes dos seus esbeltos corpos. Nesta parte, só nos ficou dos gregos a imitação das suas estatuas com seus ornatos, e decorações; mas isto só [quando não fosse a sua historia] fallaria por elles a toda a posteridade. Os romanos, aproveitando-se muito da gravidade e elegancia dos gregos, que em tudo foram seus mestres, adoptaram todavia um modo seu, e original, que muito respeito e acatamento concilia á gravidade republicana. Com muito acerto adoptaram as nações modernas para os seus tribunaes aquella toga veneranda, que roçava pelos assentos do foro romano. Assyrios, persas e chaldeus, por não fallarmos das nações barbaras da antiguidade, usavam como ainda hoje, roupas leves, largas e soltas, no que se conformaram á conveniencia do seu clima abrazador. Finalmente os chinas, nação moderna e antiga que não tem mudado, vestem-se de opas largas.

As drogas e fazendas hoje empregadas nos vestidos das nações modernas policiadas, differem por certo muito na qualidade, porem quanto ao talhe, feição, e feitio dos trajos, ainda que estes conservem alguma cousa de particular e original, entre as nações que tem character, todavia não se poderiam hoje notar, comparando o trajar de todas ellas, as extravagantes differenças e contrastes, que n'outro tempo se notavam entre os povos de um mesmo continente; é que o commercio, vinculo universal da politica social, communica a todas as nações até a uniformidade de gostos em cousas indifferentes; e a despeito das barreiras das montanhas, rios e mares, que separam os povos, tem estabelecido por toda a parte pontos de communicação, e quanto póde ser, assemelhado todas as nações.

O trajar dos inglezes é serio, elegante, commodo e grave, sem que se lhe possa notar ridicula affectação, no que é mui conforme á gravidade dos

seus costumes, e á forma da sua constituição. São escrupulosos, como o devem ser, em guardar a decencia e ordem do trajo, e cerimonia, em as suas visitas de cumprimento, nos bailes e nos jantares.

O trajo dos francezes é bem distincto, e muito mais mudavel e sujeito á vertigem da moda do que o dos inglezes; alem disto tem alguma cousa de garrido, ainda nas pessoas sérias, e accusa mais desleixo e menos cuidado no povo. Isto está ligado com a sua natural vivacidade, e seus costumes mais folgados e menos sujeitos ao rigor da etiqueta.

Os hespanhoes são todavia o povo, que pelo seu modo de trajar, mais singular se faz entre todas as nações da Europa; e é de notar que o seu trajo nacional entre o povo é o mais antigo que se conhece das nações modernas, nem ha feito alguma notavel mudança desde o tempo dos mouros. Se isto accusa por uma parte menos civilização por não se lhes ter apegado alguma parte das modas e usos mais commodos das outras nações; por outra parte mostra uma grande força de caracter nacional, que os hespanhoes acreditaram bem em todas as suas lides. Comtudo neste lugar não deixaremos de reprovar o uso dos seus grandes chapéus e capotes com fôrro e dianteiras de veludo: isto é mui de proposito desconhecer as suas necessidades e conveniencias, só por seguir usos antigos, que o ardor do clima lhes quizera tirar dos hombros.

Os trajos do nosso Portugal são mui outros, e bem distinctos dos nossos visinhos hespanhoes, hoje debalde nelles se procura encontrar alguma feição da nossa antiga nacionalidade! parece que as duas nações irmaãs não tiveram origem, religião, costumes e patria commum! Antigamente o nosso vestido de cõrte, e de cerimonia era á antiga moda hespanhola, que nós suppõmos oriunda da polí-dá cõrte dos gódos: tanto ella é airosa, grave, louçaã, gentil e magnifica! Com ella appareciam os nossos reis em todos os actos publicos de soberania; com ella o nosso Castro triumphou em Gõa; e com ella se casou, e recebeu Maria Luiza e o imperador Napoleão, segundo os quadros que temos visto e memoram essa cerimonia. Consiste em gorro de plumas na cabeça com um broche de diamantes, manto ou capa curta, pela feição do *paludamentum* dos imperadores romanos, véstia e calção de veludo da mesma cõr, e laços de fita nos çapatos. Quem disso quizer fazer mais clara idéa, pôde ver Jacinto Freire, quando descreve o triumpho com que D. João de Castro entrou em Gõa. D. João 5.º, que tinha a vaidade de imitar o rei de França, introduziu na sua cõrte todo o ceremonial da cõrte de Luiz 14.º, e de todo aboliu aquellas memorias que nos podiam fazer recordar os dias dos nossos antigos triumphos, e a nossa gloria nacional.

Quanto ao trajo nacional em a vida commum, como aquelle nosso rei deu o exemplo das modas francezas em a sua cõrte, o povo, que muito gosta de *macaquear* os reis e os grandes, seguiu com furor desatinado o exemplo do cabeça do estado e os modelos que lhe vinham de França; e assim observa-se hoje que os mesmos paizanos das provincias, salva a excepção do gaibão que é nosso, trajam da mesma feição que os paizanos francezes. Trajem elles, e os homens do povo de ambos os sexos como quizerem, já que não podem voltar a usar um trajo nacional, mas larguem o uso dos capotes, que é geral, e por mais de uma razão se deveria desterrar. Um capote não é necessario se-

não de vez em quando em Portugal, aonde a benignidade do clima o pôde dispensar, pois no norte, aonde é maior a inclemencia do inverno, todo o povo o dispensa, pondo em seu lugar a sobre-casaca, mais airosa na figura, mais barata no seu custo e mais propria para o trabalho da vida. Não somos dados ao estudo da medicina, todavia parece-nos que o capote, com que a gente se agasalha em Portugal, largado ou desembuçado de repente pôde acarretar muitas enfermidades, obstruindo subito com o golpe de ar os respiradouros naturaes dos poros. Alem disso os capotes são as capas com que se encobrem muitos crimes e torpezas que offendem a segurança publica ou ferem a pureza dos costumes: algumas das nossas leis de policia reconhecem isso, e prohibem o uso dos capotes depois do toque do sino. Finalmente o capote, incommodo para o exercicio do trabalho e tarefa ordinaria da vida, e por isso mal concorde com os habitos e espirito de um povo activo e industrioso, sendo do uso ordinario em o nosso Portugal, accusa moleza e ociosidade habitual de um povo vadio ou preguiçoso.

Mais estirado do que pensavamos nos sahio este artigo, que modelamos sobre outro de alheia lavra; talvez em melhor occasião voltaremos ao assumpto, para prégarmos uma cruzada contra os capotes e lenços, que ainda hoje servem de adorno á classe baixa e média do nosso sexo feminino, e de disfarce a mais de uma dama. Neste empenho esperámos ter por nosso lado todos os defensores dos chailes e chapéus, que nos prestarão sem duvida o seu auxilio em obra de tanto proveito e credito nacional!

P. M.

AGRICULTURA.

Cultura dos Cereaes.

DEBAIXO desta denominação se comprehende trigo, milho, centeio, cevada e avêa, tudo nas suas differentes especies. Cada um destes generos cereaes tem seu methodo particular de cultura, e exigem não só terreno proprio, mas lavoura, estação e tratamento adaptado.

Trigos.

As especies deste grão conhecidas são: — o anafil, — o branco, ou candéal, — de seis espigas, — sem barba, — e treméz. Entre nós as especies primeira e ultima são as mais communs e quasi exclusivamente cultivadas: nossos lavradores as designam pelos nomes, trigo temporão e trigo treméz. O primeiro requer clima mais quente, o treméz clima mais frio: e é por isso que nas nossas provincias mais meridionaes se cultiva o primeiro, nas do norte o segundo, e ainda este se não dá senão em localidades especiaes, e é apenas uma excepção na cultura dos cereaes. O tempo proprio para a sementeira do trigo temporão é o outono, quando as folhas das arvores amarelladas começam a cahir: ordinariamente se semeam desde 20 de setembro até 10 d'outubro, isto porem depende da estação porque o trigo não gosta de sementeira no secco, e até ha um adagio que diz — cama do trigo na lama, do centeio no pó. — O trigo treméz semea-se em março. A quantidade da semente depende da qualidade da terra; se esta é forte e substancial pôde com mais semente: ordinariamente se

lança um alqueire de trigo por cada geira, [de centeio dois alqueires são apenas suficientes]. Depois de semeado é preciso que fique enterrado para poder arraizar, e o não comerem os passaros: faz-se isso com a grade, e basta que fique coberto com dois ou tres dedos de terra. Nas terras ligeiras é conveniente enterra-lo mais fundo do que nas fortes, e mais nas temporaãs que nas serodeas, principalmente onde costumam cahir neves e geadas. Os nossos camponeses tem bom agouro com as sementeiras temporaãs, e alguns semeam em agosto: nisto porem não ha regra certa; depende isso das localidades e das estações.

Da monda do trigo, da ceifa e do celeiro.

A monda é uma operação necessaria para alimpar o trigo em planta: deve fazer-se na primavera depois d'uma pequena chuva, por todo o mez d'abril. N'alguns paizes o desbastam tambem, principalmente quando mostra um viço extraordinario e força de vegetação afillhando demasiadamente: para isso lhe mettem bois e vacas a pastar no mez de dezembro. A ceifa do trigo se faz nos mezes de julho e agosto; e convem apressa-la o mais que poder ser apenas chegado á sua maturidade. Na sociedade d'agricultura em París expôz ha poucos annos um cultivador, membro della, varias experiencias que tinha feito segundo as quaes achava grande vantagem em ceifar o trigo antes de sua inteira maturação, quando o grão sim se achava formado e do tamanho natural, porem que apertado nos dedos se podesse reduzir a massa. Ceifado neste estado, amadurecia facilmente nas pavêas, e na mêda de deposito; e nenhum grão se perderia pela grande adherencia que ainda tinha ao seu casulo: ao mesmo agricultor parecia que o trigo assim colhido se conservava melhor, e produzia uma farinha mais alva e mais substancial. Se a doutrina deste lavrador fôr confirmada na pratica por experiencias repetidas, mui digna nos parece de ser adoptada, porque alem da vantagem supra indicada terá a de aproveitar-se melhor a palha, que sempre perde de sua qualidade nutritiva para os gados depois de colhida muito madura.

O celeiro do trigo deve ser bem limpo e sêcco. Convem padeja-lo duas ou tres vezes por anno, criva-lo todos os mezes; e dar-lhe volta todos os 15 dias nos primeiros seis mezes. Os celeiros devem ter janellas voltadas ao norte, e com grades d'arame ou outras para estorvar a entrada dos passaros. Os crivos chamados de pé são hoje mui adoptados; e com effeito nada se perde antes ganha em uma operação que conserva perfeitamente o grão.

Do centeio, cevada e avêa.

O centeio semea-se communmente nos terrenos pobres, sêccos, calcareos, ou saibrosos, onde se não dá o trigo: muitas vezes se cultiva sómente para pasto de primavera dando-o ao gado misturado com palha sêcca de trigo, ou mettendo os carneiros a pastar na seára. Conhecem-se quatro variedades de centeio; porem cultivam-se ordinariamente duas, temporão e serodeo, assim como o trigo. O centeio d'inverno ou temporão semea-se no outono ao mesmo tempo que aquelle, porem amadurece mais cêdo. Este é preferivel ao da primavera porque é mais grado e mais pesado. O serodeo semea-se em março e amadurece tão promptamente como o d'inverno: ordinariamente só se usa cultivar este quando a sementeira do outono

falhou. Ha tambem uma variedade chamada centeio do S. João, que só tem a utilidade de ceifar-se no outono [quando chega a amadurecer], e do restolho reverdece pasto d'inverno para os gados. O producto do centeio é quasi igual ao do trigo em quantidade de grão, mas é superior em palha. A cevada gosta de terra ligeira, movediça; e é por isto que quando se semea em terra forte ou barenta custa o lavor muito trabalho. Neste caso é conveniente lavrar a terra logo depois da colheita antecedente [nas primeiras aguas, dizem nossos camponeses], para que ficando a terra exposta ás geadas e ao ar esteja cortada e propria para a sementeira. Semea-se a cevada em março e abril; a mais temporaã é a melhor. Na cevada mais do que nos outros cereaes é conveniente o pô-la de molho antes de semea-la. Um agronomo francez indicou que um banho de dez a doze horas em agua gorda de estrume mui podre e moido de curraes, dado á semente, enxuta esta, e semeada envolvida em cinzas, lhe havia produzido uma extraordinaria colheita. A cevada semea-se na mesma sasão dos trigos, e não quer terra absolutamente sêcca como o centeio nem molhada como aquelles. Tambem alguns lavradores lhe mettem carneiros a pastar na primavera quando a cevada púla demasiadamente vigorosa: melhor seria metter-lhe o foicinho e ceifa-la superiormente, porque os gados mui gololões do assucar da tige a tosam mui rente do pé, o que faz mal. As cevadas em herva são muito melhor pasto do que o centeio; muito mais succulento, e menos sugeito a inconvenientes. O grão é excellente para forragens, porem muito inferior para pão: apesar disto como se dá em qualquer terreno, e vem temporão, os pobres camponeses o misturam com outros cereaes, até porque é o mais barato de todos. A avêa assim como a cevada se semea na primavera, e ordinariamente em março: a terra deve ser preparada de longe; isto é, lavra-la nas primeiras aguas e deixa-la cortar e apodrecer pelas geadas e influencias atmosfericas; a terra deve estar bem enxuta. Esta cultura é das mais façeis, e parece que este grão é indígena da Europa onde se observam algumas especies não cultivadas. A avêa vem em qualquer terreno, sem grande preparativo ou lavor; dá porem maior produção em terra bem cultivada. Come pouco da terra; e depois da sua colheita admite sementeira de cevada, ou d'hervagens para pasto temporão, uma vez que se lhe deite algum estrume: produz mais que a cevada, mas é menos nutriente que aquella. O pão d'avêa é detestavel.

Da cultura do milho.

Chamâmos assim ao milho grosso para o differenciar das outras especies de milho, ou aquelle seja amarello ou branco. Parece que antigamente este precioso cereal era quasi desconhecido na Europa. Indígena d'Africa foram os mouros os primeiros que o trouxeram á Hespanha; assim mesmo foi mui pouco cultivado, e só depois que nossas conquistas se estabeleceram fixamente na costa occidental daquelle continente, é que dahi nos veio esta cultura que pouco e pouco desde o tempo de elrei D. João 2.^o foi expellindo outras usadas no paiz, é hoje o cereal dominante e quasi exclusivo nas tres provincias do norte, conhecido porem e estimado em todas. Dá ás vezes mil por um grão de semente; porem a sua cultura é dispendiosa porque exige multiplice lavor. O milho exige ter-

reno quente, ligeiro e muito bem volvido: *deve sementar-se no pó*, dizem os camponeses para indicarem que a terra deve estar perfeitamente enxuta. Duas pollegadas de terra basta para cobrirem a semente; se o semeassem mais fundo apodreceria o grão, que é mui sujeito a isso. Ha muitas variedades desta especie, umas mais outras menos productivas; porem os lavradores conhecem melhor pela experiencia aquellas que vão melhor segundo a qualidade do terreno, e seus meios de cultura. Dá-se ao milhão tres labores ou *tres sachas*, como vulgarmente se diz, a fim de soltar a terra de sua codêa, e a purgar das hervas nocivas. O primeiro é quando a planta tem de duas a tres pollegadas de altura: o segundo quando tem um palmo: o terceiro quando o grão começa a se formar na espiga. Em todos estes labores se vai mondando o milho; e quando succede que a planta puxa nimiamente viçosa, o que acontece nas terras fortes e gordurentas, é preciso retardar-lhe a vegetação e quebrar-lhe o viço, fazendo passar uma grade sobre a seara puxada por vaccas ou bois ligeiros.

[Continuar-se-ha].

ECONOMIA SOCIAL.

Obstaculos que se oppõem ao aperfeiçoamento da industria.

As CLASSES elevadas e medias não faltam em parte alguma efficazes meios de instrucção adequada á sua situação e aos cargos que tem a exercer na sociedade. Tudo porem escacêa nas classes inferiores, até a instrucção necessaria para fazer uso da intelligencia no exercicio das artes que praticam.

Parece á primeira vista que a sorte do povo merece a todos grande contemplação. A sociedade depois de o ter aliviado de tributos onerosos, o que seria indubitavelmente muito para louvar, ou de haver por actos de continua beneficencia encontrado o meio de lhe diminuir a miseria em que jaz sepultado, não fica por isso desobrigada de cumprir para com elle os outros deveres a que a obrigam a humanidade, a moral e a politica.

A instrucção primaria é o primeiro passo que se dá na estrada do progresso intellectual, e porventura o mais importante no cumprimento d'aquelles deveres. Parece todavia que a sociedade suspendeu repentinamente o seu movimento, como se nada mais houvesse que fazer para consolidar e dar regularidade a este sentimento de independencia individual: sentimento irresistivel que bem dirigido promette um futuro de ordem e de venturas; e mal aproveitado e abandonado aos naturaes desvarios, um porvir calamitoso e desordenado.

O pai de familia abastado destina seu filho para o estudo de medicina, jurisprudencia, ou qualquer outra profissão das chamadas liberaes. A sociedade a tudo proveu para auxiliar taes designios: escolas preparatorias; collegios, cursos publicos; escolas de medicina, de architectura, de pintura &c.; livros de todas as sciencias e artes; bibliothecas publicas e museus. Nada falta, e todos os meios de instrucção se derramaram com abundancia; e para mais acrisolar tanta munificencia é tudo costeadado á custa dos governos, alguns dos quaes receosos de que falem bons mestres fundam escolas de elevada cathegoria aonde sejam educadas as pessoas mais distinctas. Examinemos agora o que acontece com a instrucção das classes laboriosas; olhando tam-

bem por um momento para a creança que lhe pertence, a qual seguiremos desde que sae da escola de primeiras letras, aonde apprende a ler e escrever, o que, não cessaremos de o repetir, é já um grande bem.

Em chegando a este ponto a sociedade o abandona: nada lhe preparou. Carece elle, para viver, de dedicar-se a uma profissão. Bem! pois apprenda-a como poder. Necessita que lhe dêem meios de desenvolver as faculdades intellectuaes: — cure de os alcançar do modo que lhe fôr mais facil. Portanto aqui temos, o pai, para quem a creança é algumas vezes um peso com que não póde, obrigado a sustentar o filho, até que chegue ao estado de procurar os meios de subsistencia. E como o consegue? — empregando suas nascentes forças em serviços grosseiros, que o embrutecem, ou, se é mais feliz, dedicando-o a qualquer officio mechanico.

Ora, o que é a aprendizagem no estado actual da sociedade? Vale a pena de dar aqui resposta a esta pergunta: — é o contracto pelo qual o mestre se obriga implicitamente a ensinar a qualquer rapaz o mester que exercita, com tanto que este o sirva constante e gratuitamente por espaço de alguns annos. E como se cumpre em geral semelhante contracto? O mestre não dá uma só lição ao aprendiz, nem com elle se occupa de modo algum, a não ser para tirar-lhe das forças physicas a possível vantagem e proveito. E o que resulta de tão estranho quanto inevitavel procedimento? Resulta que o mancebo emprega varios annos em aprender, mal ou bem, um officio cujo tyrocinio, se fosse bem dirigido, apenas duraria alguns mezes; que o usual rigor do trabalho e do mestre lhe embotam as faculdades, empecendo-lhe o desenvolvimento moral e intellectual; que só mui tarde, e ás vezes nunca, vem a ser util á sua familia, e a servir de esteio a pais velhos e valetudinarios, a quem tem por dever compensar dos sacrificios que por elle fizeram; e que, finalmente, passando a vida no emprego material das forças physicas, não sabe acautelar-se contra as paixões damnosas que o salteam, e muitas vezes o subjugam. Similhante estado de cousas [quem ousará nega-lo] demanda providencias radicaes. Este mal existe entre os povos civilizados; e dahi concluimos nós se geram as principaes causas das grandes perturbações que agitam, surda ou vivamente, a vida actual dos povos.

Illustrai os povos; conduzi-os pela razão á moral e sentimentos religiosos; sem os quaes se pervertem as sociedades. — Mas para o conseguirdes facilitai-lhes, pondo os necessarios meios, o accesso a todas as profissões a que podem destinar-se. — Ensinai-lhes o modo de ser felizes; procurando-lhes occasiões em que possam desenvolver a razão com que Deus os dotou. É assim que as classes inferiores caminharão parallelamente, e sem se trilharem com as classes mais elevadas da sociedade; e é este o unico modo de fazer pouco a pouco desaparecer as differenças moraes que os indispõe mutuamente.

Ha grande espaço entre as disposições d'espírito de qualquer joven quando tem a ventura de ser mandado para um collegio, e o operario a quem a necessidade de se preparar para aprender qualquer officio conduz a uma eschola industrial. Não acontece isto porque a capacidade natural seja maior n'uma do que n'outra classe; quem causa as differenças, e ás vezes mui notaveis, é a educação domestica, e as idéas que com esta recebemos.

O que mais do que tudo desejámos é que se organise a educação primaria e que amplamente se derrame. Seria o primeiro passo que se daria para semelhar a educação do povo á que communmente tem as pessoas abastadas.

Consistiria o segundo passo na fundação d'escholas d'ensino preparatorio com collegios, em maior quantidade, aonde a mocidade apprendesse linguas, arithmetica, geometria, desenho e gymnastica. Para estas escholas passariam os mancebos que por bom procedimento e distincção nos estudos primarios se fizessem disso acredores. As escholas praticas, tambem com collegios, formariam a terceira ordem d'ensino; devendo cada uma dellas ter por objecto uma só arte ou profissão. Instituir-se-hiam officinas praticas d'agricultura, horticultura, carpinteria, marcenaria, de ferreiro, relojoaria, tinturaria, &c. &c. Começar-se-hia ao mesmo tempo o ensino solido das sciencias physicas, e appropriadas ás necessidades de cada profissão. Os discipulos de merito da eschola preparatoria escolheriam depois a que mais lhe conviesse para alli aprenderem a arte de que devessem tirar a futura sustentação. A adopção deste systema collocaria a industria de qualquer nação a par da industria ingleza, que é a que mais adiantada se conhece, e ao mesmo tempo destruiria a ignorancia das classes laboriosas, que muito concorre para a imperfeição que geralmente se nota nos artefactos. As escholas d'artes actualmente estabelecidas em França não nos parecem assaz praticas. Segue-se nellas o methodo d'ensino que poderia adoptar-se em qualquer collegio para a educação das altas classes da sociedade. E alem disso as officinas que alli ha semelham as officinas particulares, nas quaes o aprendiz entregue á direcção propria aprende se póde, e, a maior parte das vezes, só quando quer. Resulta de tudo que os discipulos que d'alli sabem [raras são as excepções] pouco ficam sabendo da arte a que se dedicaram, contam perdido o seu tempo, e é tão superficial e incompleta a instrução que receberam que só lhes poderá servir de luxo frivolo, e ás vezes de incentivo para intempestiva vaidade.

ANTIGUALHA DAS CERCANIAS DE CINTRA.

Na freguezia de S. Pedro de Penaferrim, ou Canaferrim, no arrabalde da villa de Cintra, arcebisado de Lisboa, existe, quasi em ruinas, uma pequena ermida dedicada a S. Lazaro bispo, e uma casa contigua a ella, que fôra mandada edificar para gafaria (1), pela rainha a Senhora D. Leonor, mulher d'elrei D. João 2.º, a fim d'alli se curarem os pobres; dotando-lhe rendas para seu sustento, physico e botica; e entregando a administração de tudo ao provedor da St.ª Casa da Misericórdia da mesma villa (2). Sobre a porta principal da ermida está o escudo com as quinas reaes portuguezas, e na abobada da capella, que é de laçaria de pedra, nos florões ou bonetes dos fechos, as armas portuguezas, e um pelicano ferindo o peito com o bico, que foi empreza de D. João 2.º. Em volta da ermida ha uma área toda murada e descoberta, com ameias em fórma de fortificações orientaes, como as do palacio dos senhores reis na villa, e as da

quinta de Penha-Verde, tão respeitavel pela memoria de D. João de Castro, seu fundador. O cemiterio pertencente á referida gafaria, era antes de chegar á quinta real, denominada do Ramalhão no sitio chamado do *Fetal*: porque a antiga via publica [ainda no anno de 1509] era sabindo do Rocio de S. Pedro, pelo lado direito, até á citada quinta do Ramalhão. Mas o tempo, que em sua perenne revolução ora destrue, ora cria, fez nova entrada pelo logar do cemiterio; rasão pela qual hoje se observa, debaixo de um sombrio arvoredado que borda a estrada, uma sepultura de pedra um pouco elevada do chão, sem outro lavor mais do que uma cruz latina sobre sua abaúlada campa, e aos pés alçada outra cruz de pedra.

Muitas tradições vogam ácerca desta campa, que nós temos por falsas, ou viciadas pelo ignorante e sempre credulo vulgo; referindo uns que é a *sepultura dos dois irmãos*, outros diversas lendas que mais se assemelham a contos de fadas, ou de velhas, com que se embalam as creanças, do que a realidades, que tenham por base algum solido fundamento.

Com tudo a fim de fugirmos de tantos minotauros, que se escondem no intrincado labyrintho destas e outras que taes tradições, nos dêmos a uma laboriosa investigação relativamente a este objecto, e o que se segue é o fructo que colhemos; e se não achámos a verdade pura, ao menos o facto é mui verosimil.

D. Luiz Coutinho (3), filho de Gonçalo Vaz Coutinho [segundo mariscal do reino, alcaide mór de Trancoso e de Lamego, senhor do couto de Leomil], e de D. Leonor Gonçalves de Azevedo, de uma das mais illustres familias de Portugal, de nobreza tão antiga e tão conhecida que data do principio da monarchia, foi eleito bispo de Viseu pelos annos de 1440; e sendo embaixador, em Roma, d'elrei D. Affonso 5.º, se achou na eleição do anti-papa Felix 4.º, por quem, posto que illegitima auctoridade, foi nomeado cardeal em abril de 1443. Depois foi bispo de Coimbra no anno de 1444, e trasladado d'alli para arcebispo de Lisboa em 1452. Tendo assistido á lastimosa batalha da Alfarrobeira no dia 20 de maio de 1449, acudiu a absolver o infeliz, quanto digno, infante D. Pedro, duque de Coimbra, que morreu nesta peleja atravessado de uma setta. Acompanhou tambem a Alemanha a senhora infanta D. Leonor, filha de elrei D. Duarte, que casou com o imperador Frederico 3.º (4).

Como, depois d'arcebispo, a sua privança para com elrei D. Affonso 5.º fosse descachindo, D. Luiz Coutinho se descartou de favores e honras, retirando-se á villa de Cintra, a fim de buscar allivio ao seu mal de lepra [já muito adiantado] no uso dos banhos, que ha na serra, denominados hoje de St.ª Eufemia. Terminou D. Luiz a vida em Cintra no mez d'abril de 1453, logrando sómente sete mezes do arcebisado de Lisboa (5). Foi sepultado no cemiterio commum dos leprosos, onde se lhe erigiu aquelle tumulo para distincção, collocando-se-lhe

(3) Era irmão de Alvaro Gonçalves Coutinho, por alcunha o *grão magriço*, celebrado por Camões, canto 6.º nas Lus.: o qual jaz no convento de S. Francisco, que chamam de Ferreyrim, na villa de Britiande.

(4) Destes nasceu o imperador Maximiliano 1.º, pai de Philippe, e avô de Carlos 5.º, que foi pai de Philippe, 2.º de Castella, e 1.º de Portugal.

(5) Como se vê da bulla do papa Nicoláu 5.º, passada a seu successor D. Jayme [filho do infante D. Pedro duque de Coimbra] em 30 de abril de 1453.

(1) Hospital de leprosos.

(2) Vide na Torre do Tombo, liv. 35 de D. João 3.º, fol. 99, a carta de 23 de setembro de 1545.

aos pés uma cruz alçada, como prelado na sua diocese. No anno de 1830 foi aberto este tumulo, mas não se encontrou nelle mais que um só craneo, e o resto da ossificação de um só corpo, de que se lavrou auto, que deve existir no cartorio da St.^a Casa da Misericordia da villa de Cintra.

O Abbade Castro.

 Pelo que respeita a denominação tradicional de—*Sepultura dos dois irmãos*, lê-se na Memoria intitulada—*Cintra pinturesca*, a pag. 114 o seguinte:

Dois irmãos traziam amores com uma donzella que por aquelles sitios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa debaixo do balcão do objecto que tão enfeitados os trazia, um delles persuadido que o outro lhe disputava os favores de sua dama, corre cego, e inconsiderado sobre elle, e o estende morto a seus pés, victima de um frenetico ciu-me. Porem qual é a sua desesperação quando pela voz moribunda daquelle que julga o seu rival, reconhece ter sido o assassino de seu proprio irmão que muito amava, que lhe expira nos braços! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fratricida, e cahe morto sobre o cadaver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte prompta a uma vida inconsolavel cheia de remorsos.

Esta é a narração desta novella, porem tendo-se aberto esta sepultura ha poucos annos se achou um só craneo, e o resto da ossificação de um só corpo, o que claramente desmente esta tradição vulgarmente recebida.

ANECDOTAS.

Em Athenas, depois de Pericles, foi limitado a tres horas o tempo concedido aos advogados para fallar; e para se observar com exactidão este praso, havia nos auditorios relógios d'agua, ou clepsydras, que eram os unicos reguladores do tempo, então conhecidos. Igualmente em Roma Pompeu determinou, que o accusador não poderia fallar senão duas horas, e o accusado tres: permittia-se todavia algumas vezes prolongar mais o discurso, uma vez que a extensão da causa o exigisse.

Os imperadores, Valentiniano e Valente ordenaram, que os advogados se conservassem em pé durante o tempo em que oravam: e tambem lhes prohibiu o proferir quaesquer injurias, assim como as declamações malignas contra os seus adversarios, ou o uso de algum rodeio para prolongar as causas.

QUANDO D. Henrique, o bastardo, rei de Castella entrou em Portugal com o exercito que foi cercar Lisboa, irritadissimo pela quebra das pazes louca e extemporaneamente praticada por elrei D. Fernando, achava-se o mestre d'Aviz, ainda menino, em Torres-Novas ao passar o exercito hespanhol de frente de Santarem, onde estava elrei de Portugal. O mestre entrou de derramar muitas lagrimas; e aos que lhe perguntaram a razão daquelle pranto respondeu:—choro porque vejo os castelhanos fi-lhar Portugal, e porque sei que elrei meu irmão lhes não hade pôr batalha.—

Mulheres advogadas.—O nobre exercicio de *advogado* entre os romanos e gregos era um officio vi-

ril. Appareceram todavia em Roma duas celebres mulheres, Amasia e Hortensia, exercitando a advocacia com distincção: porem uma terceira, chamada Affrania, scandalisou por tal forma os juizes com a sua loquacidade, affrontas, e rasgos colericos, que foi prohibida de orar mais em publico: sendo extensiva esta providencia a todas as mulheres em geral; prohibição que foi depois modificada por uma lei do codigo theodosiano, que permittiu ás mulheres o poderem orar nos auditorios, mas sómente em apologia propria, e não em defeza alheia.

CERTO califa (a) de Cordova quiz dar maior extensão aos seus jardins, e fazer construir um mirante sobre um pequeno campo, que entestava com aquelles; porem esse pedaço de chão constituia a mesquinha fortuna d'uma pobre viuva, que recusou vende-lo. Entretanto o principe ou o seu ministro se apoderou do pequeno campo, e logo nelle mandou edificar um magestoso palacio. A pobre mulher foi queixar-se disto ao cadi (b) de Cordova: o caso era espinhoso; todavia o cadi, como era homem de bem, tomou o patrocínio della; immediatamente procurou o califa, e em occasião, em que este se achava no seu mirante rodeado da côrte. O cadi levára consigo um grande sacco: e depois de ter cumprimentado o califa lhe pediu a permissão de encher o sacco com a terra do jardim. O rei consentiu nisto sem repulsa: cheio o sacco, o cadi com aquella familiaridade oriental, que fazia toleravel a escravidão, disse ao rei:—Não está aqui tudo; para acabares o favor é necessario que me ajudes a carregar este sacco no meu jumento.—O califa com effeito annuiu; porem achou o fardo muito pesado.—Principe, lhe observou gravemente o cadi, se este sacco, que apenas encerra uma bem diminuta parte de terra, te parece tão pesado, como poderás tu levar diante de Deus esta terra toda inteira, que usurpaste?—O rei vivamente commovido com o sentido da allegoria, restituiu o campo á pobre mulher, deixando-lhe alem disso o mirante com todos os moveis e preciosidades que o adornavam.

MAXIMAS.

SE podessemos lêr nos corações dos homens, qual seria a sociedade em que estaríamos á nossa vontade?

Não te contentes de ser virtuoso conforme a lei; porque ella não póde dizer tudo.

RARAS vezes o que o homem deseja vale o que já possui.

O sabio tem vergonha dos seus defeitos, mas não tem vergonha de corrigi-los.

Diz o nosso eloquente e atilado escriptor P.^o Vieira—A prudencia é filha do tempo e da razão: da razão pelo discurso, do tempo pela experiencia.

O tempo destroe os erros da opinião, e confirma as obras da natureza.

(a) Califa denota a soberana dignidade entre os sarracenos e mahometanos, e bem assim a dignidade suprema ecclesiastica.

(b) Cadi entre os sarracenos e turcos designa o cargo de juiz das causas civis.